
Poemas nos

Períodos Literários

-
- Quinhentismo-(século XVI)

A SANTA INÊS - José de Anchieta

Cordeirinha linda, Como folga o povo, Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Cordeirinha santa, De Jesus querida, Vossa santa vida O Diabo espanta. Por isso vos canta Com prazer o povo, Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Nossa culpa escura Fugirá depressa, Pois vossa cabeça Vem com luz tão pura. Vossa formosura Honra é do povo, Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Virginal cabeça, Pela fé cortada, Com vossa chegada Já ninguém pereça; Vinde mui depressa Ajudar o povo, Pois com vossa vinda Lhe dais lume novo. Vós sois cordeirinha De Jesus Fermoso; Mas o vosso Esposo Já vos fez Rainha. Também padeirinha Sois do vosso Povo, pois com vossa vinda, Lhe dais trigo novo. Não é de Alentejo Este vosso trigo,

Mas Jesus amigo É vosso desejo. Morro, porque
vejo Que este nosso povo Não anda faminto Deste
trigo novo. Santa Padeirinha, Morta com cutelo,
Sem nenhum farejo É vossa farinha Ela é mezinha
Com que sara o povo Que com vossa vinda Terá
trigo novo. O pão, que amassasses Destro em
vosso peito, É o amor perfeito Com que Deus
amastes. Deste vos fartasses, Deste dais ao povo,
Por que deixe o velho Pelo trigo novo. Não se vende
em praça, Este pão da vida, Porque é comida Que
se dá de graça. Oh preciosa massa! Oh que pão tão
novo Que com vossa vinda Quer Deus dar ao povo!
Oh que doce bolo Que se chama graça! Quem sem
ela passa É mui grande tolo, Homem sem miolo
Qualquer deste povo Que não é faminto Deste pão
tão novo.

- **Barroco-(século XVII)**

CIDADE DA BAHIA - Gregório de Matos

**Cidade da Bahia!Ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado,
Pobre te vê a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.**

**A ti trocou-te a máquina mercante,
que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando e tem trocado,
tanto negócio e tanto negociante.**

**Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.**

**Oh! se quisera Deus que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
'que fora de algodão o teu capote!**

- **Neoclassicismo ou Arcadismo-(século XVII)**

NASCEMOS PARA AMAR-Du Bocage

**Nascemos para amar; a Humanidade
Vai, tarde ou cedo, aos laços da ternura.
Tu és doce atractivo, ó Formosura,
Que encanta, que seduz, que persuade.**

**Enleia-se por gosto a liberdade; E depois que a
paixão na alma se apura,
Alguns então lhe chamam desventura,
Chamam-lhe alguns então felicidade.**

**Qual se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil na ideia acesas.**

**Amor ou desfalece, ou pára, ou corre:
E, segundo as diversas naturezas,
Um porfia, este esquece, aquele morre.**

- **Romantismo-(século XIX)**

A BELEZA - Gonçalves de Magalhães

Oh Beleza! Oh potência invencível, Que na terra despótica imperas; Se vibras teus olhos Quais duas esferas, Quem resiste a teu fogo terrível? Oh Beleza! Oh celeste harmonia, Doce aroma, que as almas fascina; Se exalas suave Tua voz divina, Tudo, tudo a teus pés se extasia. A velhice, do mundo cansada, A teu mando resiste somente; Porém que te importa A voz impotente, Que se perde, sem ser escutada? Diga embora que o teu juramento Não merece a menor confiança; Que a tua firmeza Está só na mudança; Que os teus votos são folhas ao vento. Tudo sei; mas se tu te mostrares Ante mim como um astro radiante, De tudo esquecido, Nesse mesmo instante, Farei tudo o que tu me ordenares. Se até hoje remisso não arde Em teu fogo amoroso meu peito, De estóica dureza Não é isto efeito; Teu vassalo serei cedo ou tarde. Infeliz tenho sido até agora, Que a meus olhos te mostras severa;

Nem gozo a ventura, Que goza uma fera;
Entretanto ninguém mais te adora. Eu te adoro
como o anjo celeste, Que da vida os tormentos
acalma; Oh vida da vida, Oh alma desta alma, Um
teu riso sequer me não deste! Minha lira que triste
ressoa, Minha lira por ti desprezada, Assim mesmo
triste, Assim malfadada, Teu poder, teus encantos
pregoa. Oh Beleza, meus dias bafeja, Em teu fogo
minha alma devora; Verás de que modo Meu peito
te adora, E que incenso ofertar-te deseja.

- **Realismo-Naturalismo-(segunda metade do século XIX)**

SONETO DA FIDELIDADE - Vinicius de Moraes

**De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.**

**Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento**

**E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama**

**Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.**

- **Pernasianismo-(final do século XIX e início do XX)**

LÍNGUA PORTUGUESA - Olavo Bilac

**Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura;
Ouro nativo, que, na ganga impura,
A bruta mina entre os cascalhos vela...**

**Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!**

**Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceanos largos!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,**

**Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!
(Tarde, 1919.)**

- Simbolismo-(fins do século XIX)

A CATEDRAL - Alphonsus de Guimaraens

Entre brumas ao longe surge a aurora, O hialino orvalho aos poucos se evapora, Agoniza o arrebol. A catedral ebúrnea do meu sonho Aparece na paz do céu risonho Toda branca de sol. E o sino canta em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!" O astro glorioso segue a eterna estrada. Uma áurea seta lhe cintila em cada Refulgente raio de luz. A catedral ebúrnea do meu sonho, Onde os meus olhos tão cansados ponho, Recebe a benção de Jesus. E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!" Por entre lírios e lilases desce A tarde esquiva: amargurada prece Poe-se a luz a rezar. A catedral ebúrnea do meu sonho Aparece na paz do céu tristonho Toda branca de luar. E o sino chora em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!" O céu é todo trevas: o vento uiva.

**Do relâmpago a cabeleira ruiva Vem acoitar o rosto
meu. A catedral ebúrnea do meu sonho Afunda-se
no caos do céu medonho Como um astro que já
morreu. E o sino chora em lúgubres resposos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"**

- **Pré-Modernismo-(1902 à 1922)**

SAUDADE - Augusto dos Anjos

**Hoje que a mágoa me apunhala o seio,
E o coração me rasga atroz, imensa,
Eu a bendigo da descrença em meio,
Porque eu hoje só vivo da descrença.**

**À noite quando em funda soledade
Minh'alma se recolhe tristemente,
Pra iluminar-me a alma descontente,
Se acende o círio triste da Saudade.**

**E assim afeito às mágoas e ao tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno afeito,
Para dar vida à dor e ao sofrimento,**

**Da saudade na campa enegrecida
Guardo a lembrança que me sangra o peito,
Mas que no entanto me alimenta a vida.**

- **Modernismo-(1922 à 1960)**

POÉTICA - Manuel Bandeira

Estou farto do lirismo comedido Do lirismo bem comportado Do lirismo funcionário público com livro de ponto espediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor. Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo. Abaixo os puristas. Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis Estou farto do lirismo namorador Político Raquítico Sifilítico De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo. De resto não é lirismo Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar & agraves mulheres, etc.

**Quero antes o lirismo dos loucos O lirismo dos
bêbados O lirismo difícil e pungente dos bêbados O
lirismo dos clowns de Shakespeare.**

- Não quero saber do lirismo que não é libertação.

- **Neorrealismo-(1930 à 1945)**

QUERO VOAR - José Gomes Ferreira

Quero voar

-mas saem da lama

garras de chão

que me prendem os tornozelos.

Quero morrer

-mas descem das nuvens

braços de angústia

que me seguram pelos cabelos.

E assim suspenso

no clamor da tempestade

como um saco de problemas

-tapo os olhos com as lágrimas

para não ver as algemas...

**(Mas qualquer balouçar ao vento me parece
Liberdade.)**